



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

VERÔNICA LUCENA DA SILVA

**CONSTRUTOS SOCIAIS SOBRE SEXUALIDADE DURANTE A
GRAVIDEZ: UMA ANÁLISE NO ÂMBITO DO ESPAÇO VENTRE
LIVRE**

Brasília, 12 de setembro de 2011.

VERÔNICA LUCENA DA SILVA

CONSTRUTOS SOCIAIS SOBRE SEXUALIDADE DURANTE A
GRAVIDEZ: UMA ANÁLISE NO ÂMBITO DO ESPAÇO VENTRE LIVRE

Trabalho final de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharela em Antropologia à Comissão Examinadora designada pelo Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dra. Soraya Resende Fleischer.

Comissão Examinadora:

Profa. Dra. Soraya Resende Fleischer (orientadora)
Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília

Profa. Dra. Andréa de Souza Lobo
Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília

Brasília, 12 de setembro de 2011.

Em memória de minha querida mãe, Sebastiana Maria.

Ensinamento

Minha mãe achava estudo
a coisa mais fina do mundo.

Não é.

A coisa mais fina do mundo é o sentimento.

Aquele dia de noite, o pai fazendo serão,

ela falou comigo:

“Coitado, até essa hora no serviço pesado”.

Arrumou pão e café, deixou tacho no fogo com água quente.

Não me falou em amor.

Essa palavra de luxo.

Adélia Prado, poetisa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado a vida, por estar comigo em todos os momentos, por ser a minha força nas horas de angústia e medo, e por ser essa luz que me impulsiona a viver cada dia.

Agradeço a minha família, principalmente ao meu irmão Jenário Lucena, pela preocupação constante, apoio e por acreditar sempre em mim.

Agradeço a minha paciente orientadora, Soraya Fleischer, por quem tenho imensa gratidão, pelos inúmeros votos de confiança, por me permitir autonomia e liberdade de pensar. Pela solicitude, compreensão, sábias sugestões, frutíferas discussões e indispensáveis correções. Agradeço, principalmente, por nunca ter desistido de mim e por ser essa profissional comprometida. Meus eternos agradecimentos. Palavras são poucas para expressar toda admiração que sinto por você.

Agradeço a Leonardo Guilherme, meu namorado, pelo companheirismo, paciência, amizade, conselhos, carinho, pelas palavras de confiança e motivação, e, principalmente, pelo ombro amigo nos momentos difíceis e por fazer parte da minha história. Obrigada, amor.

Agradeço à professora Andréa Lobo pelas várias sugestões de leitura e por ter aceitado fazer parte da finalização dessa jornada.

Agradeço às amigas de graduação, Kamila Figueira, Adriana Batista, Giovanna Sousa, Rafaela Cristina, Maria Heloisa, Rachel Otoni e Amanda Frenkle. Obrigada pela amizade, pelos conselhos e pela disponibilidade afetiva. Amigas para sempre!

Agradeço ao amigo Humberto Borges e à amiga Mayra Ponteiro pelas indispensáveis correções.

Agradeço à companheira de apartamento, Vanessa Guimarães, e ao meu querido amigo José Ricardo, o Felisberto do meu coração, obrigada pelo carinho e preocupação.

Agradeço à Mariana Cruz pelas palavras de apoio na hora dos meus desesperos. Agradeço aos meus irmãos *Shalom*, irmãos em Cristo, pelas orações.

RESUMO

A partir de uma abordagem antropológica, esta monografia apresenta as construções sociais da sexualidade na gestação no âmbito do Espaço Ventre Livre, grupo de gestantes cujo público era mulheres pertencentes ao segmento médio da sociedade (a maioria delas residia no Plano Piloto, área nobre de Brasília) e que, em geral, estavam na primeira gestação. Como apresentado no trabalho, os discursos elaborados por esse grupo objetivavam afirmar as concepções do que é ser mãe, operando sobre uma série de representações sobre a naturalidade do processo da gravidez e do parto nas quais há a ideia de que existe uma espécie de natureza imutável. Os dados da pesquisa de campo foram obtidos por meio da observação participante junto ao grupo e através dos discursos nativos. Assim, buscamos entender os significados elaborados por esse público acerca das concepções de corpo, sexualidade e parto.

Palavras-chave: Sexualidade. Parto. Corpo. Gestação. Reprodução. Representações Sociais.

ABSTRACT

From an anthropologic approach, this monography presents the social constructs regarding sexuality under pregnancy within *Espaço Ventre Livre*, a group of pregnant women, the majority of them having their first pregnancy and belonging to the medium segment of the society, living in Plano Piloto, one of the prime areas of Brasília. As presented in this work, the general reasoning in this group aimed at asserting the concept of what means to be a mother, working through representations of the naturality of the pregnancy process and birth, permeated with a notion of a immutable nature. Field research data was obtained by present observation at the group meetings and through its discussions. Therefore, we seek to understand the meanings, elaborated by this public, regarding the concepts for body, sexuality and birth.

Key words: Sexuality. Birth. Body. Pregnancy. Reproduction. Social representations.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO I: ESPAÇO VENTRE LIVRE.....	9
1.1 PESQUISAS EXPLORATÓRIAS: PRIMEIRO CONTATO COM O TEMA	10
1.2 SEGUNDO CONTATO COM O TEMA: ESPAÇO VENTRE LIVRE.....	111
1.3 CONHECENDO O EVL	12
1.4 DESCRIÇÃO FÍSICA DO EVL	13
1.5 DESCRIÇÕES DAS ATIVIDADES DO EVL	15
1.6 AS PALESTRAS E A DINÂMICA DAS REUNIÕES	17
1.7 O EVL COMO INVESTIMENTO FAMILIAR	18
1.8 A PERSONAGEM RITA	20
CAPÍTULO II: A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA SEXUALIDADE NAS CIÊNCIAS SOCIAIS	22
2.1 SEXUALIDADE E CIÊNCIAS SOCIAIS.....	22
2.1.1 <i>A construção do campo da sexualidade na antropologia.....</i>	<i>24</i>
2.1.2 <i>Sexualidade e gravidez</i>	<i>26</i>
2.1.3 <i>Espaço Ventre Livre e gravidez.....</i>	<i>29</i>
CAPÍTULO III: AS CONCEPÇÕES DE CORPO NO ESPAÇO VENTRE LIVRE	31
3.1 REPRESENTAÇÕES DE CORPO	31
3.1.1 <i>Corpo e sexualidade</i>	<i>32</i>
3.1.2 <i>Representações sobre gravidez</i>	<i>34</i>
CAPÍTULO IV: SEXUALIDADE NO PROCESSO DE NASCIMENTO: AS GESTANTES E SUAS VIVÊNCIAS	38
4.1 RECAPITULANDO.....	38
4.2 AS GESTANTES E SUAS VIVÊNCIAS: QUEM SÃO ESSAS PESSOAS?.....	39
4.3 A REUNIÃO	40
4.4 A CONVERSA NO LANCHE.....	43
4.5 TEMAS QUENTES.....	43
4.6 SIGNIFICADO DE SEXO E PARTO NO ESPAÇO VENTRE LIVRE	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS.....	49

INTRODUÇÃO

Sob a perspectiva do construtivismo social, analiso os discursos sobre as concepções a respeito da sexualidade e do corpo durante a gestação enunciados por um grupo de gestantes participantes do Espaço Ventre Livre, que se define como um espaço “acolhedor de mulheres grávidas” em Brasília.

Notadamente, há poucos estudos teóricos e analíticos nas ciências sociais, especificamente na antropologia, sobre a sexualidade na gestação. Entretanto, a partir de estudos mais amplos sobre a sexualidade, como os trabalhos de Bronislaw Malinowski, Margaret Mead e Michel Foucault, é possível fundamentarmos de forma consistente nosso trabalho.

Apesar de discutir especificamente a sexualidade durante a gestação, esta monografia versará também sobre a idealização do parto por parte do grupo de gestantes do Espaço Ventre Livre. Sendo assim, após apresentarmos meu contato e interesse pela temática, bem como o Espaço Ventre Livre e as informantes da pesquisa (capítulo I), demonstraremos alguns estudos sobre o tema da sexualidade (capítulo II) e, evidentemente, abordaremos as relações e as concepções sobre corpo e sexualidade do grupo de gestante em questão (capítulo III). Posteriormente, no capítulo IV, utilizando o arcabouço teórico apresentado ao longo da monografia, analisaremos as construções sobre a sexualidade das mulheres que frequentavam o Espaço Ventre Livre juntamente com os discursos enunciados pelas coordenadoras do local. Por fim, faremos nossas considerações finais a respeito do trabalho realizado nesta monografia.

CAPÍTULO I: ESPAÇO VENTRE LIVRE

Neste capítulo, apresento as informantes, o Espaço Ventre Livre, as atividades do grupo de gestantes no Espaço Ventre Livre e as condições nas quais foi realizada a pesquisa. Esta pesquisa foi realizada com um grupo de gestantes em Brasília participantes do denominado Espaço Ventre Livre (doravante, EVL). Dessa forma, analiso os acontecimentos observados e vivenciados em campo através de anotações em diários de campo e a partir de experiências vividas.

O público do EVL era mulheres e casais de segmentos médios da sociedade e em geral vivendo a primeira gravidez. As gestantes eram quase todas casadas e tinham idades entre 25 e 40 anos. A realização da pesquisa de campo no EVL, grupo cujo propósito era acompanhar um grupo de mulheres por determinado período de tempo e empoderá-las de seus próprios corpos, definiu o recorte que irei tratar: o sexo durante a gestação. Além do propósito principal, outros temas também eram abordados durante as reuniões do EVL, como a relação com o parto, o medo de parir em casa, a vida conjugal e a sexualidade no pós-parto.

Neste trabalho, analiso o significado construído nesse grupo e a forma como eram abordadas, sempre que surgiam em discussão, as construções sociais sobre a sexualidade das gestantes e de seus respectivos parceiros durante a gestação. Enfatizo também a grande atenção dada, nos encontros do grupo, ao parto domiciliar e/ou “natural”.

Destaco a atenção dispensada a esse tema no grupo, bem como as preocupações que ele suscitava, passando pela apreensão de algumas gestantes, revelando o quanto este tema (sexo na gestação) ainda causa desconfiança e sigilo, mesmo em um grupo de pessoas que era visto como de *mente aberta*, ou seja, um grupo de mulheres escolarizadas que, supõe-se, entenderia minha pesquisa e não teria resistência em falar sobre o assunto proposto.

Os dados da pesquisa foram obtidos através da realização de pesquisa de campo durante oito meses no EVL, o qual oferecia palestras e atividades para mulheres grávidas semanalmente. Dessa forma, é importante ressaltar o significado que os diários de campo têm na escrita, pois, através deles, pude analisar os discursos abordados nas reuniões do grupo. Sendo assim, a seguir, esboçarei minha trajetória nos primeiros contatos com o tema sexualidade na gestação e apontarei o processo pelo qual foram

arquitetados e desdobrados os discursos da sexualidade das mulheres participantes do EVL durante a gestação.

1.1 Pesquisas exploratórias: primeiro contato com o tema

O primeiro contato acadêmico que tive com o tema da sexualidade foi cursando a disciplina Antropologia da Saúde, em 2009, na qual eu e Letícia Cerqueira decidimos fazer nosso trabalho final sobre o tema da sexualidade durante a gestação. Quando fomos fazer a pesquisa bibliográfica, observamos que os trabalhos antropológicos referentes a esse tema eram escassos. Encontramos vários trabalhos nas áreas da psicologia e da enfermagem, mas na área da antropologia encontramos apenas a sexualidade abordada junto a outros assuntos, como a juventude ou a homossexualidade. Apesar disso, decidimos manter nosso projeto inicial de pesquisar as construções sociais acerca da sexualidade durante a gravidez. Fizemos uma pesquisa exploratória em um projeto para gestantes no Hospital Universitário de Brasília (HUB). Este projeto era conduzido por professoras e alunas do curso de enfermagem da Universidade de Brasília e oferecia exercícios físicos para ajudá-las na hora de parir.

Já em campo, percebemos o quanto seria difícil conseguir falar com as mulheres que participavam do projeto, pois, mesmo demonstrando interesse em participar da pesquisa, elas quase nunca iam ao grupo. No geral, a presença delas era bastante escassa, apenas uma mulher aparecia com frequência. Outra dificuldade que encontramos em campo foi a resistência que elas apresentavam – algumas mulheres, por exemplo, nos forneciam seus telefones, mas, quando ligávamos para elas, percebíamos que haviam informado o número errado. Por alguma razão, elas estavam se recusando a participar da pesquisa. Não ficamos sabendo o porquê, mas deduzimos que isso seria por causa de o sexo ainda ser visto como um tabu em nossa sociedade, ou porque elas realmente não estavam dispostas a falar de algo que é íntimo delas para duas pessoas que elas nem conheciam.

O grupo se reunia todas as sextas-feiras, às nove horas da manhã, em uma sala no HUB. As atividades eram abertas ao público e consistiam em exercícios para “preparar o corpo da mulher” para um parto normal. O sexo durante a gestação, para as professoras, era visto como uma atividade a mais para que a mulher obtivesse mais dilatação uterina na hora do nascimento do bebê. Em um dos encontros que participamos, a enfermeira responsável pela atividade do grupo falou que “sexo durante

a gravidez era bom, pois no sêmen do homem há uma substância que ajuda na dilatação do períneo da mulher na hora do parto”. A idealização do parto natural era tamanha nesse grupo que as próprias profissionais da área da saúde esqueciam de mencionar a relação entre sexo, gravidez e doenças sexualmente transmissíveis. Ora, essas doenças podem ser transmitidas a partir do sêmen dos próprios companheiros das gestantes.

Como a sexualidade na gestação era tratada como mais um mecanismo de preparação para o parto natural, conseqüentemente ela não era abordada como uma questão de desejo e prazer das gestantes e de seus parceiros. Nesse sentido, essa relação estabelecida entre a sexualidade e a gravidez por esse grupo coaduna a suspeita de Heilborn (1999, p. 2) quando nos fala que “talvez a sexualidade ainda encontre resistências ao seu desvelamento, em razão do lugar privilegiado que detém no cerne dos valores associados à intimidade da pessoa moderna”.

Diante da instigante sensação que o tema proporciona e os diferentes discursos e constrangimentos que suscita quando é abordado, principalmente durante a gestação, decidi por continuar minha investigação, só que dessa vez no Espaço Ventre Livre.

1.2 Segundo contato com o tema: Espaço Ventre Livre

Depois da realização da pesquisa exploratória no HUB, elaborei meu projeto de pesquisa e recebi a sugestão de minha orientadora para procurar um lugar chamado Espaço Ventre Livre, cujo propósito era “acompanhar mulheres gestantes”. Tal sugestão foi dada devido à burocracia e aos impasses que iria enfrentar caso fosse fazer campo no HUB: seria necessário que o projeto passasse pelo Conselho de Ética, o que poderia atrasar minha pesquisa; e, como não havia regularidade das participantes no grupo do HUB, o trabalho de campo ficaria comprometido. Outro fator importante na escolha do Espaço Ventre Livre foi o fato de ele reunir elementos consistentes para a realização da pesquisa. Tais elementos consistiam em um coletivo de mulheres gestantes que se reuniam e nas conseqüentes discussões sobre sexualidade que surgiam durante as reuniões.

Assim, o contato com o EVL objetivou a consolidação e a criação de vínculos consistentes, com vistas à entrada em uma fase mais aprofundada da pesquisa. Realizado o primeiro contato telefônico com o EVL, fui conhecê-lo na semana seguinte. A partir desse momento, dei início a pesquisa da minha monografia de conclusão de curso, a fim de conhecer e estabelecer contato com as mulheres grávidas do EVL.

Meu primeiro contato físico com o EVL foi com a sua coordenadora, Rita, que foi muito solícita ao telefone e demonstrou interesse na pesquisa, afirmando que “gravidez e sexo são a mesma coisa”. No grupo, tive a oportunidade de conhecer pessoas que prestavam assistência a partos domiciliares, que, nesse caso, eram oferecidos por Rita, doula e coordenadora do EVL, e por Carla, que também trabalhava no EVL e tem formação em enfermagem e obstetrícia. Também conheci mulheres e casais que tinham tido seus filhos em casa. No EVL, era evidente uma aparente coesão do grupo, em especial de sua coordenadora, no sentido de assinalar pontos em comum sobre o parto domiciliar. No entanto, tal assunto nem sempre era prontamente aceito pelas pessoas que frequentavam o EVL.

Pude perceber muitas nuances entre os discursos das praticantes do parto domiciliar. Ao mesmo tempo em que havia preocupações comuns às integrantes do grupo, relacionadas, sobretudo, à qualidade da atenção à saúde prestada às mulheres, aos bebês e ao parto, havia, por outro lado, tensões e divergências, não apenas devido a outros discursos característicos de um grupo interdisciplinar, mas também em função de diferentes concepções e práticas relativas ao parto e a outros assuntos que ficavam em segundo plano nas reuniões do grupo.

1.3 Conhecendo o EVL

Como dito, no primeiro contato, Rita mostrou-se solícita à pesquisa, relatou que outras pesquisas foram realizadas no EVL por estudantes de enfermagem e nutrição, mas nunca se havia abordado a sexualidade. Ela comentou que “gravidez é sexo”, ou seja, naquele primeiro contato, eu percebi que para ela estas eram duas ideias inseparáveis e que o tema fazia parte do escopo do grupo de reuniões do EVL. Assim, marcamos de nos encontrar na sexta-feira da semana seguinte, no dia 19 de fevereiro de 2010, após o carnaval, pois essa era a data em que se iniciavam as atividades naquele ano.

Como combinado, fui ao EVL na semana seguinte. Havia várias pessoas no lugar, homens e mulheres grávidas, todos concentrados na copa, local no qual havia um lanche. Quando uma das mulheres passou por mim, perguntei pela Rita e era a própria. Apresentei-me, ela me disse para ficar à vontade e que a atividade da noite logo iria começar.

Rita não foi tão receptiva como havia sido ao telefone na semana anterior, por isso, senti receio de não ter o perfil de pesquisadora que ela esperava. Pensei que uma pesquisadora jovem e negra não era bem o que ela esperava. Felizmente, essa impressão desapareceu com os encontros seguintes, pois passei a ser mais bem recebida pela coordenadora. Sempre que chegava para as reuniões, ela era cordial e afetiva e me recebia com um beijo no rosto.

Quando todos os presentes se reuniram para que Rita desse início à atividade do grupo, notei que todos estavam descalços. Posteriormente, descobri que para entrar no EVL precisávamos retirar os sapatos e colocá-los em um lugar específico, fato que explicarei adiante.

1.4 Descrição física do EVL

O EVL localizava-se na entrequadra 704/705 da Asa Norte, em uma sala do primeiro andar de um prédio comercial. O EVL era composto por três salas principais: uma grande, na qual as reuniões do grupo aconteciam e, também, abrigava a copa; outra sala menor que funcionava como recepção; e, ainda, um escritório. O EVL possuía, ainda, um banheiro usado de forma comunitária.

Na sala menor, havia duas poltronas brancas. Nas paredes, um quadro de avisos e um tecido de cor roxa com o enorme desenho de uma mulher grávida de pele morena, cabelos longos, gorda e enfeitada com lantejoulas. A sala, ainda, era composta por duas estantes de vidro do chão até o teto, essas estantes eram usadas para colocar os sapatos, pois todos que frequentam o Espaço eram convidados a retirar os sapatos antes de entrar na sala maior, na qual as reuniões aconteciam. Em uma reunião que cheguei pouco antes do horário e havia poucas mulheres presentes, entrei e não retirei os sapatos, fato logo observado por Carmem, funcionária do local. Ela solicitou que eu os retirasse, atendi seu pedido de imediato, porém, não perguntei o porquê desse ritual. Mais tarde, questionei Rita sobre isso, que respondeu que era apenas uma questão de higiene, tendo em vista que o EVL também era frequentado por crianças.

Integrado a essa sala menor ficava o banheiro de uso comunitário: um cômodo pequeno em que cabia apenas o vaso com a pia e um pequeno armário embaixo da pia, todos esses objetos eram brancos. Na sala menor, havia, ainda, uma divisória, separando alguns livros como se fosse uma pequena biblioteca do local, todos os livros eram sobre gravidez, parto e temas relacionados com a maternidade. Observei em algumas das

minhas visitas de campo que poucas pessoas faziam uso desses livros, apenas Niquel, um dos frequentadores do local, utilizava. Niquel era um dos homens mais ativos e presentes no EVL. Ele estava em quase todas as reuniões que assisti e, dentre os homens, era o que mais explicitava sua opinião. Entretanto, quanto aos livros, ele apenas folheava, nunca o vi e o ouvi dizer que iria levar um livro para ler em casa, por exemplo. Em outras situações, ele falava sobre o conteúdo do livro para mim e dizia que tal livro seria útil para minha pesquisa.

Esta sala menor ficava ao lado do escritório de Rita, entrei ali apenas uma vez. Nele, havia computadores, impressora e muitos papéis. O acesso ao escritório era restrito. Observei que Rita sempre o trancava à chave antes das palestras. Quando entrei nele, foi a convite da própria Rita, que me perguntou se eu gostaria de receber os e-mails que ela enviava durante a semana para as mulheres gestantes, informando sobre o que iria acontecer na reunião de sexta à noite. Respondi que sim. Ela, então, me chamou para o escritório para pegar um caderno de anotações. Foi assim a única vez que entrei no escritório.

Ao entrarmos no EVL e identificarmos os objetos mencionados acima, entramos também na maior sala, onde aconteciam as reuniões e as aulas de yoga. Nela, havia uma espécie de mini-copa, estilo cozinha americana, composta por uma pia e um balcão onde acontecia o lanche que era preparado pelas próprias frequentadoras – no e-mail que Rita enviava durante a semana às mulheres, era informado o tema que seria abordado na reunião, quem iria dar a palestra, e também se recomendava que elas levassem algo para lanchar. Essa sala era decorada por várias imagens em barro de pequenas mulheres grávidas e uma fonte de água que ficava ligada todo o tempo e que era motivo de reclamação por parte de algumas mulheres, pois se exigia concentração nas atividades, mas havia o barulho que a fonte causava. No entanto, as mulheres que reclamavam da fonte nunca reclamavam abertamente, falavam sempre entre si, mas nunca com as pessoas que trabalhavam no EVL.

Na sala, ainda, havia uma bola grande roxa, a qual as mulheres utilizavam para sentar e fazer algum tipo de exercício, ela também era utilizada nas aulas de yoga. Havia um bebedouro com copos descartáveis à disposição. Havia, também, muitas plantas pequenas enfeitando o ambiente. No lado oposto da mini-copa, havia uma espécie de balcão de quase um metro de altura, em cima dele ficavam colchonetes roxos e brancos e almofadas de cor clara que eram usados para que as pessoas pudessem sentar durante as reuniões.

Nesse balcão, ficavam os objetos que Rita costumava usar nas reuniões: uma boneca de pano branca, um esqueleto no formato de um quadril feminino e duas pedras de cristais, uma de cor roxa e a outra de cor branca. Havia certo misticismo no EVL, porém, nunca observei algo que pudesse ligar esse misticismo à sexualidade das frequentadoras, pois tal misticismo parecia estar ligado apenas à hora do parto. Tentava-se criar uma áurea mística, mas esse misticismo não tinha um código em si, códigos estritos, eram soltos.

A boneca era um pouco pesada e, nas reuniões, Rita costumava fazer com que a boneca passasse de mão em mão para que as pessoas se apresentassem com ela no colo. O esqueleto no formato de um quadril de uma mulher era utilizado para fazer algumas dinâmicas que explicarei mais adiante, e as pedras pequenas na cor branca e roxa eram utilizadas com o mesmo propósito da boneca; Rita costuma fazer com que essas pedras fossem passadas de mão em mão na hora de as pessoas se apresentarem.

Perto desse balcão ficava também um pequeno rack branco com uma TV e um DVD. Esse pequeno canto da sala maior era utilizado para que as mulheres grávidas e seus respectivos maridos assistissem a filmes de parto e de temas relacionados à maternidade.

1.5 Descrições das atividades do EVL

O EVL era coordenado por Rita, que tem formação em biologia, e trabalhava com mulheres grávidas havia mais de cinco anos. Havia, também, outras mulheres que ali trabalhavam oferecendo aulas de yoga às mulheres grávidas. Os encontros no EVL aconteciam uma vez por semana em coletivo e eram chamados de *Sextas Livres*, mas durante a semana aconteciam as aulas de yoga, as quais eram ministradas por três professoras: Carmem, Rita e Kênia.

As atividades das *Sextas Livres* eram conduzidas geralmente pela coordenadora do EVL, no entanto, houve *Sextas livres* conduzidas por outras pessoas convidadas por Rita. Foi durante as *Sextas livres* que tive acesso às mulheres gestantes. As *Sextas Livres* eram destinadas a atividades gratuitas das quais as mulheres não precisavam pagar para participar, sendo assim, é importante ressaltar que tal fato também facilitou minha inserção em campo. As aulas de yoga e o parto domiciliar acompanhados por Rita eram as atividades pagas do EVL.

Durante o período em que estive em campo, tive contato com mais de trinta mulheres grávidas, alguns homens e também mulheres que ainda não estavam grávidas e diziam frequentar o EVL para aprender sobre os assuntos relacionados à gestação. As frequentadoras do EVL, em sua maioria, tinham formação superior, trabalhavam, pertenciam à classe média e eram brancas e casadas (exceções: havia um casal de namorados e outro casal que morava junto e que a mulher não estava grávida).

Nas reuniões que acompanhei às sextas-feiras à noite, havia sempre um ritual, no qual Rita passava a boneca de cor branca e pesada para que cada pessoa presente a colocasse no colo e se apresentasse e dissesse uma palavra que melhor expressava a sensação e o significado do assunto que iria ser abordado naquela noite. Isso era feito para que as pessoas se conhecessem e também para que Rita soubesse das necessidades e ansiedades das mulheres que participavam do EVL e em seguida elaborasse seu discurso.

Houve situações em que alguns homens brincavam quando seguravam a boneca, dizendo que estavam treinando para a chegada do bebê, referindo-se à forma como se pega um recém-nascido. Acredito que com esse comportamento esses homens pretendiam afirmar que já possuíam um laço com a criança e que eram companheiros comprometidos com o processo de gestação.

Em outras ocasiões, Rita substituíam a boneca por duas pedras de cristal nas cores roxa e branca e seguia a mesma dinâmica da boneca. Certa vez, perguntei para Rita o porquê das pedras, ela respondeu que elas possuíam energia e que ela gostava de pedras.

As atividades das *Sextas Livres* começavam às 17 horas, sempre com um filme de parto ou temas correlatos à gravidez e à maternidade. Em uma das sextas-feiras, cheguei ao EVL e havia algumas mulheres no cantinho da sala maior, o qual era utilizado para a sessão de filmes, elas estavam assistindo a um filme sobre partos em diferentes culturas. Nesse filme, havia várias mulheres parindo, cada uma em contextos culturais diferentes. Como havia chegado já no final do filme, fiquei observando os comentários das mulheres. Algumas falavam da importância da presença do marido na hora do parto, outras faziam comentários sobre outro filme que dizia que na hora de parir a mulher tinha um orgasmo.

Nesse mesmo dia, notei que eram poucas as mulheres que participavam das atividades anteriores à reunião. Então, deduzi que isso acontecia por causa do horário. A maioria das mulheres que participavam das *Sextas Livres* vinha direto do trabalho, isso

fazia com que algumas não conseguissem chegar no horário destinado à sessão de cinema.

Como descrito, as reuniões começavam com uma sessão de cinema às 17h; em seguida, havia um intervalo para o lanche, que, geralmente, era das 18h30min às 19h15min, posteriormente, começava a reunião temática. No intervalo para o lanche, sempre havia conversas paralelas entre as frequentadoras do EVL, pois esse momento coincidia com a chegada das participantes que não puderam participar da sessão de cinema, ou seja, havia um verdadeiro aglomerado de pessoas lanchando e conversando na mini-copa.

Logo após o lanche, as mulheres eram convidadas a se reunir em círculo e se sentarem em colchonetes. No centro do círculo, Rita sempre colocava alguma coisa. Eram coisas que geralmente tinham algum simbolismo com o tema da palestra da noite. Numa sexta, Rita colocou vários objetos, como pano de chão, cachecol, óleos e velas acesas – o tema da palestra era o parto. O objetivo era simbolizar os objetos que ela utilizava para realizar um parto domiciliar. Ela disse que na hora do parto a mulher sangra muito, por isso precisa de muitos panos de chão; a mulher também precisa estar muito aquecida, necessidade representada pelo cachecol; o óleo serve para massagear as costas da mulher, que, na hora do parto, fica muito tensa e precisa relaxar. Assim, nas reuniões, eram sempre perceptíveis objetos no centro do círculo formado pelas pessoas presentes.

1.6 As palestras e a dinâmica das reuniões

A programação das palestras das *Sextas Livres* era apresentada no início de cada semestre. A palestra sobre “os ciclos da mulher” era a que dava início à programação de palestras, os ciclos da mulher se referiam às mudanças corporais, físicas e de humor, pelas quais as mulheres passam durante a menstruação, essa palestra era sempre ministrada por Rita. Acompanhei por duas vezes o início de palestras do semestre. Nessa palestra, Rita ensinava como a mulher pode se observar, observar seu corpo e o que acontece nele durante todo mês. É também no início do semestre que Rita apresenta a *Agenda da Mulher*, que é distribuída gratuitamente para as pessoas que participam das atividades do EVL. Na agenda, há informações para que as mulheres possam seguir os seus ciclos e toda a programação de atividades que acontecem durante os dois semestres

do ano, as palestras com as datas já estabelecidas, porém, não se informa quem vai ministrá-las.

Eram dez palestras por semestre, que se iniciavam com o tema dos ciclos da mulher e depois com temas como o parto, a maternidade, o pós-parto, a paternidade, a criança, o adolescente, o casal, a amamentação e a maturação. Este ciclo de palestras é destinado às mulheres de todas as idades – a palestra sobre maturação, por exemplo, era destinada às mulheres que haviam ultrapassado biologicamente o período reprodutivo.

Como o EVL tinha por objetivo acompanhar mulheres grávidas, principalmente nos períodos pré e pós-gestacional, a programação de palestras era, em sua maioria, destinada a esses períodos, objetivando orientar e ensinar às mulheres sobre determinadas questões que muitas ainda não haviam vivenciado, mas, acreditava-se que iriam vivenciar. Tanto nas palestras das sextas-feiras à noite quanto nos horários das aulas de yoga, temas como parto, cuidados com o bebê e insegurança eram abordados e discutidos com essas mulheres.

1.7 O EVL como investimento familiar

O EVL era um investimento familiar, tendo em vista que Rita e sua mãe eram as donas do local. Ele existia há oito anos, mas, como um espaço multidisciplinar, havia apenas quatro anos. O EVL era multidisciplinar no sentido de proporcionar atividades além das aulas de yoga para mulheres grávidas. Rita costumava dizer que ele se destinava a acolher mulheres no período gestacional e a ensiná-las a se tocarem para terem autonomia e empoderamento na hora do parto. Esse discurso era muito presente nas reuniões.

Assim, o discurso do parto humanizado e domiciliar era constantemente lembrado e discutido. Para Rita, o corpo da mulher “está preparado para o parto” e a cesariana só poderia ser feita quando não houvesse alternativa. Era perceptível durante as reuniões que Rita possuía autoridade ao falar e ficava evidente a influência que ela possuía sobre todas as outras mulheres. Nas palestras em que ela era a responsável, sempre havia uma expectativa maior entre as mulheres, Rita conseguia manter a platéia atenta e concentrada.

O ritual de início das palestras, quando Rita era a responsável, era sempre nesse formato: as pessoas ficavam sentadas nos colchonetes de cor roxa e branca e com

almofadas da mesma cor, formando um círculo, e cada participante era convidada a pegar a boneca no colo ou as pedras e se apresentar. As mulheres sempre se apresentavam falando seus nomes e a quantidade de semanas de gravidez, algumas ainda falavam como desejavam parir.

A questão racial no espaço era algo muito evidente, pois durante todo o meu trabalho de campo, observei que apenas três mulheres negras passaram pelo EVL. Dentre essas três, apenas uma se destacou entre as mulheres por estar e participar ativamente das reuniões, seu nome é Adriana, mais conhecida por Daia. Geralmente, a maioria das mulheres ia muito bem arrumada, isso talvez acontecesse porque elas iam para o EVL logo após o trabalho, mas Daia estava sempre com roupas muito simples, de chinelo, cabelos sempre presos, entretanto, nada a impedia de fazer perguntas e opinar a respeito dos temas discutidos no EVL.

Em uma palestra cujo tema era o pós-parto, Daia olhou para mim e disse que tinha uma dúvida que podia colaborar com minha pesquisa. Nesse momento, ela olhou para Rita, que estava falando sobre o pós-parto, e perguntou: *quanto tempo terei que ficar sem transar depois que parir?* Rita evitou responder no momento, apenas falou que era uma pergunta muito boa, mas que só ia responder ao final da palestra. Esperei ansiosa a resposta, porém, ao final da palestra, Rita apenas falou que isso iria depender da disposição do casal, que o tempo podia variar bastante, podendo demorar de quarenta dias a dois anos. Daia e Niquel, seu marido, eram um casal que sempre demonstrou interesse pela minha pesquisa.

Ainda sobre o perfil das pessoas que frequentavam o EVL, é notável a presença constante dos maridos. Eram homens que em algum momento das palestras se emocionavam e falavam que sentiam inveja da mulher por ela poder parir e ele não, outros falavam que frequentavam o EVL para aprender mais sobre o parto e poder ajudar a mulher na hora do parto. Rita costumava ficar muito feliz com esse tipo de declaração, ela falava que “o papel do homem é de provedor e que ele tem que ajudar na hora do parto, pois a mulher precisa de uma figura forte ao lado dela”.

Durante o período de pesquisa de campo no EVL, não consegui manter muito contato com todas as mulheres que participavam, pois a presença delas era rotativa, a cada semana aparecia uma figura diferente. Poucas eram fiéis às atividades das sextas-feiras à noite. Observei que as mulheres que frequentavam o EVL estavam na primeira gestação e buscavam ajuda, orientação, isto é, um norte para seguir, pois estavam com medo e inseguras com a gravidez. O EVL servia como uma espécie de terapia

comunitária, onde as mulheres e seus companheiros levavam suas dúvidas, angústias, medos e incertezas, tendo a esperança de que ali solucionariam todas essas questões.

Rita sempre falava que essas incertezas pelas quais todas estavam passando eram normais, pois “o novo causa medo mesmo”. Mulheres que estavam grávidas pela segunda vez também procuravam o EVL, algumas, em sua maioria, alegavam não ter tido um parto como imaginavam, assim, elas buscavam informações que pudessem ajudá-las a ter um parto normal na segunda vez.

O discurso do parto humanizado era latente no EVL. Para suprir as inquietações das mulheres, Rita falava que parir é bastante desafiador e utilizava uma metáfora para mostrar às mulheres o quanto é importante ter um parto natural e, além disso, domiciliar. Segundo ela, parir é um ritual feminino que transforma a vida de todos, pois quando uma criança nasce, nasce tudo, tudo muda de categoria. Ela falava, ainda, que “existe, na cabeça das pessoas, uma pseudo-segurança de que parir no hospital é mais seguro, quando na verdade o que acontece é que a mulher ao entrar no hospital é tratada com infantilidade, sendo chamada não mais pelo seu nome, mas como mãezinha, assim, perde sua autonomia e sua liberdade”.

O que mais se discutia no EVL era o parto. Ainda que as palestras fossem sobre tema distinto, o assunto parto pairava sobre todas elas. O discurso predominante no EVL era sobre a naturalização do parto, valendo-se da máxima de que “o corpo da mulher está preparado para isso”, pois parir “é inato e instintivo”.

1.8 A personagem Rita

A personagem Rita era marcante no EVL, todas as pessoas a conheciam e a chamavam de um modo carinhoso, Ritinha. Ainda que no EVL só trabalhassem mulheres, Rita era uma personagem que se destacava dentre elas. As pessoas depositavam confiança nela, e inclusive mulheres que já pariram tiravam dúvidas sobre parto com ela.

À época, Rita era uma mulher branca de quarenta anos, divorciada, tinha dois filhos que moravam com o pai, era formada em biologia e havia feito mestrado na Inglaterra, era doula e coordenadora do EVL. Junto com Carla, enfermeira obstetra, fazia partos de mulheres que desejavam ter um parto natural em casa. Era uma mulher muito espiritualizada, mas nunca mencionara que tipo de religião frequentava. Dizia ser contra qualquer intervenção cirúrgica “desnecessária” no parto, pois acreditava que as

mulheres sofriam violência na hora de parir por não saber do poder que carregam em seus corpos, e, por isso, dizia que lutava para que as mulheres pudessem se conhecer e se empoderarem.

CAPÍTULO II: A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA SEXUALIDADE NAS CIÊNCIAS SOCIAIS

2.1 Sexualidade e ciências sociais

A sexualidade não é um objeto novo de estudos nas ciências sociais, alguns pesquisadores no final do século XIX já produziam teses clássicas que descreveram práticas sexuais de sociedades ditas “primitivas”.

Bronislaw Malinowski, Margaret Mead e Michel Foucault são autores que podemos chamar de precursores da produção acadêmica de temas ligados à sexualidade e que estabeleceram bases na construção do tema. Em estudos feitos por Malinowski sobre os trobriandeses, por exemplo, podemos perceber a concepção do organismo humano tangendo as crenças sobre sexualidade ligadas à procriação, à gestação e à afetividade. Estas estariam corporificadas na tradição oral e nos costumes, exercendo uma profunda influência sobre os fatos sociais. É possível dizer que Malinowski foi o antropólogo precursor em abordar em suas pesquisas o tema da sexualidade, conseguindo com isso desmitificar alguns tabus sociais a respeito do tema, principalmente com relação à sexualidade de povos ditos “primitivos”.

A vida sexual dos selvagens (1982), de Malinowski, foi importante, portanto, no sentido de definir seu objeto de estudo como sendo a sexualidade, desmitificando preconceitos quanto à sexualidade de outros povos e mostrando que a sexualidade dos povos “selvagens” tinha apenas representações e significações sociais distintas da expressão sexual das sociedades ditas “civilizadas”.

Nesse estudo, além de definir a sexualidade como sendo seu objeto de pesquisa, outro fato importante é que, ao examinar a sexualidade como uma força sociológica e cultural que, entre outras coisas, fundamenta o amor, o namoro, o casamento e a família, ele estende seu tema, incorporando também as relações de gênero. Assim, ele afirma que a fase erótica “não pode ser desligada do estatuto legal do homem e da mulher, de suas relações domésticas e da distribuição de suas funções econômicas” (Malinowski, 1982, p. 29). No entanto, o autor não se aprofunda no tema das relações de gênero, priorizando a sexualidade como sendo o foco do estudo.

O foco que Malinowski deu ao seu estudo foi a sexualidade dos selvagens, enquanto Margaret Mead, em *Sexo e Temperamento*, por exemplo, estava interessada

no temperamento sexual dos sexos em três tribos diferentes. Nesse sentido, o foco dos estudos de Mead foi a construção social de gênero. Ela afirma que não estava interessada na existência de diferenças universais entre os sexos, mas em comparar como três sociedades “primitivas”, em específico, desenvolveram diferentes atitudes sociais em relação ao temperamento se baseando nas diferenças sexuais:

Estudei essa questão nos plácidos montanhese Arapesh, nos ferozes canibais Mundugumor e nos elegantes caçadores de cabeça de Tchambuli. Cada uma dessas tribos dispunha, como toda sociedade humana, do ponto de diferença de sexo para empregar como tema na trama da vida social, que cada um desses três povos desenvolveu de forma diferente. Comparando o modo como dramatizaram a diferença de sexo, é possível perceber melhor que elementos são construções sociais, originalmente irrelevantes aos fatos biológicos do gênero de sexo. (Mead *apud* Suárez, 1995, p.7)

Mead não estava preocupada com as diferenças de sexo entre essas três tribos, porém, ela pode perceber que as construções sociais de sexo que se observavam nas tribos ditas “primitivas” não se diferenciavam das construções observadas na sociedade americana, vista à época como uma sociedade “moderna”. Em relação aos estudos de Mead, o antropólogo Luiz Mott (2006) diz que ela foi a antropóloga que mais escreveu sobre temas sexuais, no entanto, sua preocupação maior foi com os mecanismos de socialização e aprendizado dos papéis de “homem” e “mulher” pelos jovens do que propriamente sobre a dinâmica cotidiana da vida sexual dos nativos.

Enquanto Malinowski se preocupava com as práticas sexuais dos “selvagens” e Margaret Mead com o temperamento e com os condicionamentos da personalidade e seu desdobramento em papéis sociais dos dois sexos, sempre os comparando com a sociedade ocidental, Michel Foucault (2009), na história da sexualidade, nos fala que a “polícia do sexo” não se dá por meio da proibição propriamente dita, mas pelos discursos, pois são os discursos que supõem a existência da repressão sexual e o silêncio sobre a sexualidade parece tornar os que falam dela pessoas que estariam fora das malhas do poder. Nesse sentido, as falas da liberação ou da educação também regulam, geram e governam a sexualidade.

Para o historiador francês, a sociedade ocidental cria uma repressão sexual profunda para domar os corpos e evitar com que a sociedade fosse aberta ao discurso sexual. A repressão sexual, na verdade, era um dispositivo para se falar abertamente de sexo. Dessa forma, ele critica a hipótese repressiva, pois não existiria na sociedade ocidental repressão, mas, sim, uma incitação para se falar de sexo (2009).

Foucault constrói uma nova hipótese acerca da sexualidade humana, na qual a sexualidade não deve ser concebida como um dado da natureza que o poder tenta reprimir. Deve, sim, ser encarada como produto do encadeamento da estimulação dos corpos, da intensificação dos prazeres, da incitação ao discurso, da formação dos conhecimentos, do reforço dos controles e das resistências. Nesse sentido, a história da sexualidade, para o autor, deve ser feita a partir de uma história dos discursos.

Foucault (2009), ainda, enfatiza que o corpo torna-se alvo de novas formas de poder que o disciplinam sob todos os aspectos. Pensando o poder não apenas como controle e repressão, mas também como produtor de práticas e interesses, ele discute como, em torno do corpo, desenvolvem-se saberes – médicos, psicológicos, jurídicos, demográficos – que atravessam vários campos de poder. Se, de um lado, temos processos macrossociais afetando o corpo, por outro lado, desenvolve-se uma relação estreita entre corpo e subjetividade. Segundo Mott (2006), Foucault vê a sexualidade como objeto do conhecimento, com fins sociais fortemente manipulados pelo poder.

Dessa forma, podemos observar a contribuição desses três autores clássicos para o estudo da sexualidade e das relações de gênero nas ciências sociais, pois acredito que esses dois temas estão intrinsecamente relacionados. Malinowski foi o pioneiro nesta área ligando a sexualidade à família e ao parentesco; Margaret Mead, com vários de seus estudos falando diretamente da sexualidade, focou suas pesquisas nos mecanismos de socialização e no temperamento entre os sexos que vão estabelecendo as relações de gênero; e, por fim, Michel Foucault faz uma arqueologia do nosso saber sobre sexualidade. Ele contribuiu no sentido de desmitificar o que a sociedade ocidental acreditava haver: uma repressão sexual profunda. Foucault nos fala que era justamente o contrário, pois essa chamada repressão na verdade era uma forma de se falar abertamente sobre a sexualidade.

2.1.1 A construção do campo da sexualidade na antropologia

A sexualidade tem sido um foco importante para a investigação antropológica, conforme os exemplos citados. Porém, a abordagem desse tema na antropologia nem sempre teve um estatuto próprio como um campo de pesquisa em si. Carole Vance, no clássico *A antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico* (1995), nos fala que tratar de “sexo e sociedade primitiva” reforça, na verdade, a reputação que antropólogos conferiram a si próprios como investigadores destemidos dos costumes e

das práticas sexuais em todo o mundo, rompendo os tabus sexuais erotofóbicos comuns em outras disciplinas ditas como mais tímidas.

A autora afirma que a relação da antropologia com o estudo da sexualidade é ainda mais complexa e contraditória, pois, como área do conhecimento, a antropologia tem sido pouco corajosa em suas investigações sobre a sexualidade. Por seu turno, a reputação que gozam os antropólogos de serem investigadores destemidos não corresponde perfeitamente à realidade, pois a disciplina compartilha ainda a opinião geral da academia de que a sexualidade não é uma área inteiramente legítima, lançando dúvidas sobre a própria pesquisa, seus motivos e, inclusive, sobre o caráter e idoneidade sexual de quem pesquisa temas sexuais.

Nesse sentido, Heilborn (1999) argumenta que as ciências sociais, a sociologia e a antropologia têm investido de maneiras diferentes sobre o tema. A antropologia, por sua vez, tem respondido pelas descrições detalhadas de valores e práticas de grupos sociais demarcados. Investiga a dimensão da sexualidade – bem como as relações de parentesco, o modo de produção e organização política, as formas de expressão religiosa, etc – no esforço de conhecer as diferentes modalidades de organização social peculiares a cada agrupamento humano.

A autora nos fala que o olhar conferido a tal objeto de estudo, a sexualidade, não o privilegia como um campo de investigação autônomo, com estatuto próprio. Enquanto objeto de estudo, a sexualidade insere-se no conjunto das regras que regulavam a reprodução biológica e social de uma dada comunidade. Ela ainda acrescenta que a desvinculação de sexualidade e reprodução biológica da espécie, a partir do desenvolvimento dos métodos contraceptivos hormonais, nos anos 60, e o advento da epidemia de HIV/AIDS, na década de 80, deram novo impulso às investigações sobre os sistemas de práticas e representações sociais ligados à sexualidade, constituindo-a como um campo de investigação em si, dotado de certa legitimidade.

Portanto, a partir dos anos 80, com a epidemia de HIV/AIDS, quando foram necessários vários estudos para informar e formular políticas públicas para lidar com o contágio e o tratamento das pessoas infectadas, os estudos sobre sexualidade tomaram ritmo. É importante ressaltar que as políticas públicas destinadas ao combate à epidemia só foram implantadas após ser detectado que mulheres haviam contraído o vírus, pois, até então, a doença era vista como “coisa” de gay, de pessoas ditas “desviantes” (Parker, 2006).

Quando foi descoberto que existiam mulheres contaminadas, houve pesados investimentos em pesquisas tanto pelo governo como por fundações de pesquisa no Brasil (Parker, 2006). A partir desse acontecimento, isto é, dos conflitos que isso causava na sociedade e do investimento em pesquisa sobre sexualidade, afinal, o sexo era o meio pelo qual acontecia a contaminação, a sexualidade se consolidou como um campo legítimo em pesquisa.

2.1.2 Sexualidade e gravidez

Apesar de sua importância, por longo período de tempo, a área da sexualidade enquanto pesquisa foi negligenciada pelas ciências sociais, em particular pela antropologia. Os escassos estudos abordando a sexualidade limitaram-se ao âmbito reprodutivo, familiar e parental. Nos últimos anos, no entanto, os pesquisadores voltaram-se para a sexualidade, ligando-a também aos estudos de gênero e homossexualidade. O estudo sobre a sexualidade não está só relacionado ao gênero, mas mistura-se facilmente a ele e muitas vezes nele se funde (Vance, 1995).

Diante disso e da escassez de pesquisa sobre sexualidade e gestação nas ciências sociais, em especial na antropologia, e da relevância que o tema suscita, busco apresentar os resultados da pesquisa realizada em Brasília com um grupo de preparação para o parto a partir do qual investiguei as construções sociais acerca da sexualidade durante a gestação.

Este estudo contrapõe duas correntes interpretativas, as quais reúnem sob sua proteção representantes de diferentes escolas antropológicas: o essencialismo, também conhecido como naturalismo, e o construtivismo social.

No essencialismo, ou naturalismo, a sexualidade restringe-se a um mecanismo fisiológico ora a serviço da reprodução da espécie ora fruto da manifestação de uma pulsão de ordem psíquica que busca se extravasar. A ideia básica da interpretação naturalista é a de que um dado padrão de sexualidade é nativa da constituição humana, seja criada por Deus (naturalismo religioso), regida pelos hormônios ou resultado da evolução (naturalismo científico). O que está por trás dessas interpretações é a ideia que nossa sexualidade seria fundamentalmente pré-social e primitiva (Mott, 2006).

Segundo Tertot (1999), o surgimento das teorias essencialistas, no final do século XIX, marca o nascimento da sexologia e da pesquisa científica em sexualidade, a qual é

baseada na teoria dos instintos e impulsos internos, passando a focar a conduta individual, colocando em segundo lugar os aspectos culturais e sociais.

O construtivismo social, por sua vez, busca problematizar a ideia de universalidade do instinto sexual. Segundo essa corrente interpretativa, existem formas culturalmente específicas que o “olhar ocidental” chamaria de sexualidade, que pode envolver contatos corporais entre pessoas do mesmo sexo, do sexo oposto ou solitariamente, com finalidade de reprodução ou não. “A sociedade controla, canaliza, restringe, mas não conseguiria alterar os fundamentos da sexualidade” (Connel, 1992 *apud* Mott, 2006).

Os adeptos do construtivismo mostraram, com exemplos históricos e antropológicos, que a sexualidade é um produto de forças históricas e sociais. Em vez de considerar a sexualidade como o mais natural elemento na vida social dos seres humanos, como algo bom ou mau que resistiria às mudanças culturais, eles viam a sexualidade como uma construção histórica e social. (Henriksson, 1995, *apud* Terto, 1999)

Essas duas correntes interpretativas, o essencialismo e o construtivismo, influenciaram os estudos nas ciências sociais no que tange à sexualidade. Dessa forma, esta monografia será norteadada pela corrente do construtivismo social por abranger no seu escopo teórico elementos incisivos na constituição de estudos sobre a sexualidade e também por abordar a sexualidade humana de maneira desvinculada do papel social do gênero, da natureza e da reprodução, negando a naturalidade da subordinação da mulher e contestando o determinismo biológico.

Assim, ancorar-me teoricamente à ideia de que as expressões e manifestações relativas à sexualidade correspondem a distintos significados segundo os valores vigentes a dado estrato sócio-cultural e de que a socialização da sexualidade está relacionada ao modo como questões de gênero estão organizadas em determinado contexto, no qual mulheres e homens são modelados socialmente de maneiras variadas.

Fazendo uma síntese de processos históricos sobre a construção e o significado que a sexualidade adquire em diferentes contextos, Heilborn (2009) considera que o sexo deve ser tomado como qualquer outra atividade humana que não está dada, mas é aprendida, pois, os indivíduos são socializados a entrar na vida sexual pela cultura que orienta roteiros e comportamentos considerados aceitáveis, assim, as práticas sexuais se diferenciam no interior de cada sociedade.

Assim, a sexualidade e a gravidez são temas relevantes para a antropologia, pois não se esgota como fato biológico, afinal, abrangem dimensões que são construídas

cultural, histórica, social e afetivamente. Por conseguinte, podemos pensar em variáveis que estão por trás desse imaginário social.

O sexual não se restringe à dimensão reprodutiva, tampouco, à psíquica, estando impregnada de convenções culturais acerca do que consistem a excitação e a satisfação eróticas, construtos simbólicos que modelam as próprias sensações físicas. (Parker, 1994, *apud* Heilborn, 1999).

A maneira como entendemos a sexualidade e seus vários desdobramentos difere contextualmente, pois, em cada contexto há classificações próprias de normalidade, satisfação, propósitos, práticas e padrões.

Segundo Mott (2006), a teoria social prestou pouca atenção à sexualidade, refletindo a execrável sexofobia reinante em nossa tradição judaico-cristã. Ao fazer uma avaliação retrospectiva das diferentes abordagens sobre a sexualidade humana propostas pelas ciências sociais, particularmente pela antropologia, ele define a sexualidade como "expressão social de relações sociais e físicas, desejos corpóreos, reais ou imaginários por outras pessoas ou por si próprio, incluindo todos os movimentos, vocalizações e reações diretamente ligadas a respostas psicofisiológicas que provocam excitação e resultam ordinariamente em prazer e orgasmo" (Mott, 2006, p. 9). Esta monografia é orientada por essa definição apresentada por Mott no que concerne à sexualidade (2006).

Entendendo que à medida que os estudos a respeito da sexualidade e suas implicações têm seus limites estendidos, acredito que enquanto antropólogas(os) temos a responsabilidade de contribuir socialmente no sentido de elucidar sobre as construções sociais que envolvem a sexualidade durante a gravidez.

Partindo dos apontamentos anteriores e considerando a importância da temática desta monografia, questiono: quais as construções sociais sobre a sexualidade durante a gravidez para gestantes? Qual o lugar da antropologia diante dessas construções?

Neste trabalho, também busco enfatizar os processos corporais e os significados que se engendram entre as mulheres grávidas, pois não é muito raro encontrarmos mulheres grávidas ou que desejam engravidar preocupadas com as mudanças corporais que uma gravidez pode causar e as consequências que, por ventura, um parto normal pode acarretar em sua vida conjugal.

Entendendo que a gravidez e a maternidade encontram-se no nosso imaginário como algo puramente biológico, tal fato, porém, deve ser abordado em contexto

histórico e cultural, afinal, ela é também uma experiência social, como nos alerta Paim (1998):

[...] a gravidez e a maternidade, em particular, e os eventos corporais, em geral, não são apenas indícios do desempenho de uma atividade biológica, ou seja, natural. Constituem também eventos culturais: são submetidos a uma construção simbólica que se impõe aos indivíduos. (Paim, 1998, p.33)

A gravidez e a maternidade, especialmente, são acontecimentos que se refletem no corpo da mulher e que trazem significados simbólicos diferentes, construídos a partir da percepção e da experiência pessoal calcadas no imaginário social. Da mesma forma que a sexualidade, esses temas também suscitam tabus e construções sociais, podendo considerar a gestão como uma fase de caráter fisiológico, histórico e social, e configurando medo e resistência nas relações conjugais e sexuais.

2.1.3 Espaço Ventre Livre e gravidez

Comumente, a gravidez é vista como algo negativo que pode atrapalhar a vida profissional das mulheres, afinal, são as mulheres que engravidam e têm o corpo marcado física e simbolicamente; fisicamente no sentido das mudanças corporais que uma gravidez acarreta e simbolicamente no que diz respeito ao imaginário social da “imaculada”, da “protetora”. Nesse sentido, a sexualidade parece não fazer parte da vida de uma mulher grávida, pois o sexo, nessa situação, é muitas vezes visto como algo sujo, errado e, assim, incompatível com a gravidez.

A partir de uma visão construtivista da sexualidade, analisarei os mitos em torno da natureza sexual de um grupo de mulheres grávidas de Brasília, apresentando as principais construções sociais sobre gravidez, partos domiciliares e hospitalares, corpo e sexualidade, elaboradas nesse grupo. Para isso, é necessário desmistificar algumas construções sobre tais temas, pois somos levados a acreditar que esses eventos são puramente biológicos.

Paim (1998) questiona a corrente do naturalismo que interpretava a sexualidade e a gravidez como algo puramente fisiológico e biologicamente determinado. Nessa corrente, o ser humano já nasce com caracteres genéticos e físicos necessários para desenvolver sua sexualidade e, conseqüentemente, sua reprodução. Assim, o sexo está enraizado e predestinado à procriação, desconsiderando as características históricas e sociais que determinada sociedade impõe a seus membros.

Dessa forma, é comum quando falamos de temas relacionados à gravidez, parto e sexualidade, vir à nossa mente, como algo dado, a ideia de “natureza”. Vê-se que, a partir de uma análise simplificada do conceito de natureza, a corrente essencialista pode, por exemplo, está presente no senso comum quando falamos em um parto como fenômeno natural. Assim, é necessário estabelecer um rompimento que permita a conjectura do simbólico. Desmistificando o corpo como algo natural, Heilborn diz que:

O que significa corpo, numa determinada sociedade, varia em função do estatuto da pessoa humana naquele contexto. Desse modo, a aparente realidade imutável, que significa que todos os humanos têm um corpo, tem que ser pensada dentro de um contexto cultural específico. A própria experiência do corpo não é uma experiência universal, ela está determinada por um conjunto de concepções, que fazem com que a própria sensação corporal seja ela mesma produzida por estas ideias que nos situam no mundo. Isso pode parecer estranho, pois acaba por radicalizar a possibilidade de uma espécie de incomunicabilidade entre os humanos; essa é uma possibilidade que é contrabalançada por uma perspectiva universalista, mas não necessariamente essencialista. (Heilborn, 1997, p. 5)

Dentro dessa perspectiva, busco analisar as concepções da sexualidade, do parto e do corpo na gravidez, com intuito de apresentar os discursos proferidos em um grupo de gestantes, o qual se autodenomina como “acolhedor de mulheres grávidas” e objetiva orientá-las no sentido de tirar suas dúvidas sobre temas relacionados à gestação.

Levo em consideração que falar de sexo na gravidez é também falar dos mitos e fantasmas que limitam o seu desvelamento, mesmo em um grupo que se propõe a desmistificar tais assuntos, como veremos adiante.

CAPÍTULO III: AS CONCEPÇÕES DE CORPO NO ESPAÇO

VENTRE LIVRE

3.1 Representações de corpo

Neste capítulo, trazemos as construções de representações de corpo e sua relação com a sexualidade e o gênero a partir de uma perspectiva sócio-antropológica do modo como essas relações eram abordadas no Espaço Ventre Livre (EVL). Consideramos de grande importância entender as significações atribuídas ao corpo no âmbito do EVL tendo em vista que, para as frequentadoras, é nele que estão inscritas todas as concepções do que é “ser mulher”.

Considerando estudos produzidos no âmbito da antropologia da saúde, que investigam as dimensões sócio-culturais da relação do indivíduo com o corpo e suas construções, nortearmos a discussão pelo conceito de corpo como uma construção social e cultural específica de cada sociedade, bem como pelos usos e representações que os diversos segmentos sociais fazem dele.

Heilborn (1997) analisa que a atribuição de significado ao corpo é elaborada em cada sociedade a partir de sua cultura e da percepção de diferentes agentes sociais que motivam a produção de uma ou diversas imagens sobre o corpo humano. A forma como percebemos o corpo se associa à concepção de pessoa elaborada num dado meio ambiente social e cultural. A ideia de corpo é significada, ressignificada e constantemente modificada pela cultura.

Um sentido comum às várias abordagens antropológicas sobre o corpo – por diferentes e às vezes antagônicas que possam ser – é o de pensar o corpo como uma construção social e cultural, e não como um dado natural. (Maluf, 2002).

Percebemos que comumente as concepções de corpo estão relacionadas especialmente ao plano social, entretanto, como lembrado por Mauss (1974), ele nos liga social, biológica e psicologicamente ao outro. Sobre isso, Rezende diz:

A partir desta dimensão mais básica, o corpo pode ser visto como elemento articulador das relações entre o indivíduo e a sociedade bem como entre a natureza e a cultura, articulação esta que nas sociedades ocidentais modernas ganha matizes muito particulares. (Rezende, 2010).

No EVL, era possível observar a dimensão tanto biológica quanto sócio-cultural que se atribuíam ao corpo. Nas reuniões, o tema do corpo era central, pois era através dele que ocorria a metamorfose de filha para mãe e de mãe para mulher. Era também através do corpo que ocorria o parto, envolvendo processos fisiológicos e também a reprodução. Quanto a esta, ela era vista nas reuniões como um processo que envolve dois sexos, mas que existem diferentes formas de lidar com ela. Segundo algumas falas no grupo, a reprodução sexuada envolve processos nos quais a mulher fica com a maior parte, pois é ela quem carrega a criança em seu ventre.

3.1.1 Corpo e sexualidade

Não podemos falar de corpo sem que haja a necessidade de se falar de sexualidade, pois é através do corpo que a sexualidade se manifesta. Ao pensarmos corpo e sexualidade, temos a tendência natural de primeiro pensar na dimensão biológica, no entanto, corpo e sexualidade devem ser entendidos também na dimensão sócio-cultural. É perceptível que no decorrer da história e através da cultura são atribuídos diversos significados pelos indivíduos e pela sociedade ao corpo. Diante disso, nesta seção, trago as concepções de corpo que existiam entre as frequentadoras do EVL.

Era comum no EVL o discurso acerca do empoderamento da mulher, que seria dado através do conhecimento da mulher do próprio corpo feminino. Era sugerido às mulheres que frequentavam o EVL se tocarem, pois era através do toque em seus corpos que elas poderiam conhecer todo “o poder” que existia neles. Como o EVL se destinava a acompanhar mulheres grávidas em todas as fases da gestação, existia por parte das pessoas que o coordenavam o discurso do empoderamento da mulher, contudo, este empoderamento não era igual ao pregado pelo feminismo.

No EVL, o empoderamento se dava apenas pelo conhecimento de seus corpos. Nesse sentido, o empoderamento estava ligado à gravidez e à forma de parir. O EVL era partidário do parto humanizado e domiciliar, além disso, existia o discurso de retorno ao que era “natural”, pois, de acordo com o que se pregava, as mulheres haviam “esquecido sua natureza” e, por isso, elas deveriam “resgatar essa natureza”, “a natureza de parir naturalmente”, isto é, parir pela vagina e de preferência em casa, onde a criança havia sido concebida. Tornquist (2002), em artigo que aborda o ideário da humanização do parto, diz que:

Mesmo entre as autoras e pessoas identificadas de forma mais clara com a vertente alternativa, que costumam sublinhar que o parto é um evento ritual (portanto, social), encontramos imagens semelhantes, sugestivas da mesma noção de universalidade do comportamento humano e da natureza feminina. O empoderamento das mulheres passaria pelo resgate dos poderes e saberes femininos que o processo civilizatório teria eliminado ou submetido. Esses poderes estariam centrados na condição natural, biológica e instintiva da mulher, ou seja, a sua sexualidade, sua capacidade reprodutiva, seu instinto maternal. No entanto, há um reconhecimento de que é preciso aprender a resgatar esses saberes ancestrais, de onde a necessidade da didática do parir e do maternar. (Tornquist, 2002, p. 7)

Isso coaduna com as ideias levantadas nas reuniões do EVL, nas quais havia a necessidade do reconhecimento do corpo feminino, mas que este se daria resgatando os “saberes antigos” que haviam sido esquecidos pelas mulheres.

Para entendermos melhor as concepções de corpo existente entre as frequentadoras do EVL, precisamos trazer o conceito de gênero elaborado por essas mulheres e as pessoas que coordenavam o grupo. A percepção de corpo estava associada, no grupo, à concepção do que é ser mulher. O conceito de corpo estava diretamente ligado ao que era “natural”, ao poder que seus corpos possuíam para conceber e parir. O corpo desempenhava um papel específico e seguia uma lógica, que era parir. A hora do parto parecia ser um momento crucial, conforme evidenciado nos discursos do grupo: “o parto é um ritual de passagem de filha para mãe, de transformação corporal, aprendizagem e mudança de vida”, disse uma gestante. Concordando com isso, o discurso apresentado pelas pessoas que coordenavam o grupo é o de que o parto é uma transição, uma passagem, é algo divino, mas também é um processo fisiológico que envolve a reprodução. A reprodução é sexuada e envolve homem e mulher, mas com formas distintas de lidar para cada um. Como afirma Rita, coordenadora do EVL: “A mulher fica com a maior parte nesse processo, pois é ela quem carrega a criança em seu ventre. A função da fêmea é conceber e permitir”.

Considerando o exposto, apreendemos que o ser mulher no EVL está intimamente relacionado ao processo natural de gerar e parir. Sem esse processo, aparentemente, é impossível tornar-se mulher. Essa naturalização do ser mulher perpassa, ainda, concepções culturais.

Enquanto processo situado no corpo das mulheres, diz respeito às questões de gênero – o lugar social das mulheres, a importância da maternidade na construção de papéis e subjetividades femininas e as relações de gênero na família. Enquanto processo que reproduz sujeitos, a gravidez põe em foco não apenas conceitos de pessoa, mas a constituição de laços familiares e a reprodução da sociedade de forma mais ampla que, no mundo ocidental

moderno, tem sido alvo de saberes médicos e do desenvolvimento de novas tecnologias e de políticas públicas. (Rezende, 2010, p. 3).

3.1.2 Representações sobre gravidez

O conceito de representação social foi primeiramente cunhado pelo sociólogo Émile Durkheim, que desejava enfatizar a especificidade e a primazia do pensamento social em relação ao pensamento individual. Assim, podemos interpretar os construtos sociais, ou construções sociais, como algo que se constitui como conceitos ou práticas que, apesar de aparentemente naturais, são quaisquer dispositivos, discursos ou entidades estabelecidos num sistema social, que são inventados ou construídos histórica, cultural e socialmente, considerando a particularidade de cada sociedade. Essas construções sociais permanecem vivas porque os grupos sociais, por consciência coletiva, deliberadamente crêem nelas como fato e aceitam seguir suas normas. Quando de alguma maneira se tenta negar, transgredir ou desconstruir esses construtos, o indivíduo sofre sanções coercitivas e coativas.

Entendendo as construções sociais do processo da gravidez e as mudanças corporais que podem ser provocadas por ela, mostrarei alguns discursos acerca da naturalização da gravidez, do parto e das mudanças corporais nos discursos tanto das pessoas que trabalhavam no EVL quanto das mulheres que o frequentavam. Nesse sentido, Heilborn (1997) destaca que a antropologia tem dado atenção a duas realidades que parecem concretas e experimentadas sensorialmente pelos indivíduos – corpo e sexualidade – nas quais há a ideia de que existem certas dimensões compartilhadas pelos humanos que constituem a própria natureza humana. Um destes fatos seria o de que toda a humanidade tem um corpo e que todos os povos têm um sexo, no sentido de uma caracterização anátomo-fisiológica do físico, e, ainda, poderíamos imaginar também que todas as populações do mundo têm alguma coisa que nós chamaríamos de sexualidade.

Dessa forma, a gravidez e a maternidade são temas relevantes para a antropologia, pois não se esgotam como fatos biológicos, afinal, abrangem dimensões que são construídas cultural, histórica, social e afetivamente. Por conseguinte, podemos pensar em variáveis que estão por trás desse imaginário social: a posição social da mulher, segundo a classe social, sexo, idade, etnia, entre outros. São vários os fatores que contribuem para a criação dos construtos sociais. Homem e mulher sofrem mudanças de comportamento com o advento da gravidez, afinal, esse é um momento de

transição cultural, emocional, social, econômica, dentre outras. Essas mudanças se diferenciam pela personalidade, cultura, bem como pelo acordo de ter ou não uma criança.

Pudemos observar as construções sociais acerca do corpo grávido no EVL. Em uma reunião na qual se falava sobre amamentação, Gabriela, que havia parido há dois meses, falou que estava lá para contar sua experiência de parir em casa e também para falar sobre a importância da amamentação. Ela falou que existiam duas formas de amamentar, a “inata”, que seria também “instintiva”, e a “cultural”, na qual “aprendemos a amamentar”. Segundo ela, na inata, há uma conexão entre mãe e filho, e que este, instintivamente, tem reflexo de procurar o seio da mãe. A forma cultural, na qual aprendemos, existe por excesso de informação, pois, segundo ela, as mulheres se esqueceram do poder que existe em seus corpos e são influenciadas por “padrões sociais”. Tais “padrões” dizem respeito às formas como alguns médicos e revistas ensinam as mulheres a amamentar seus filhos. Para ela, amamentar é coisa simples, e caso o peito fique machucado, a mulher deve usar apenas o leite do peito para curar. Segundo Gabriela, “as mulheres não devem se preocupar com os padrões, elas têm que aprender a observar seus corpos, porque as respostas estão sempre neles”.

Fatos como esse eram vistos com frequência nas reuniões do grupo. Havia sempre o discurso do “empoderamento”. Rita falava sempre que as mulheres deviam tocar mais seus corpos, pois, dessa forma, podiam conhecer melhor o poder que existe neles.

A preocupação de Rita estava ligada à hora do parto. Sempre que falava em empoderamento, ela afirmava que este “era necessário para que as mulheres não sofressem banalidades nos hospitais e pelos médicos que não tinham paciência de deixar a natureza acontecer”, ou seja, ela incitava às mulheres a fazer a criança nascer de parto normal. Para ela, quando uma mulher conhece seu próprio corpo, dificilmente tais violências iriam acontecer. Ela afirma que isso acontece porque as mulheres não conhecem seus próprios corpos e a natureza que existe neles, a qual possibilita a elas se adaptarem às mudanças bruscas que a gestação provoca.

Era recorrente nas reuniões do grupo o discurso de que o corpo e a natureza têm um “jeito correto de agir” e que, com nossas tecnologias e o excesso de informações, mudamos o rumo das coisas, como se a cultura maculasse a natureza. Havia, no EVL, o discurso de que “tudo estava inscrito nos corpos das mulheres”. Era um discurso em que a biologia determinaria a posição social das mulheres, como também os significados

sociais e culturais construídos e atribuídos às mulheres e especialmente à maternidade. Ao mesmo tempo em que havia um discurso de resgate da natureza feminina, no que diz respeito ao que é “ser mulher”, “parir” e, principalmente, “ser mãe”, havia, também, o discurso da aprendizagem, a partir do qual era necessário aprender a ser mãe.

Natureza e cultura estavam presentes nos discursos do EVL. Ao mesmo tempo em que se pregava que as respostas para preocupações das mulheres estavam presentes em seus corpos e que elas deveriam resgatar isso, havia também o discurso da aprendizagem. As mulheres estavam ali justamente para aprender como deveriam fazer para parir, cuidar e amamentar seus filhos. O EVL era o lugar no qual se pregava a “natureza” e o “instinto” do que é ser mulher, mas também, era um espaço onde se ensinava e aprendia tais coisas. Quanto à noção da corporalidade como algo natural, Heilborn afirma que:

Nosso corpo não é um entidade natural: o corpo é uma dimensão produzida pelos impertativos/efeitos da cultura. A nossa sensação física passa, obrigatoriamente, pelos significados e elaborações culturais que um determinado meio ambiente social nós dá. Um exemplo que as feministas melhor exploraram para demonstrar a não naturalidade do feminino, refere-se à crença profundamente arraigada na nossa cultura de que as mulheres têm instinto maternal. Nós temos essa representação de que as mães têm uma tal ligação com seus filhos, que elas sentem quando eles estão sofrendo, que elas ouvem alguma coisa à distância que acontece com eles e, que há, portanto um tipo de vínculo que transcende qualquer tipo de explicação racional que nós pudéssemos dar.

A própria expressão "instinto maternal" já aponta para a naturalização que o corpo apresenta na cultura ocidental. Em especial, o corpo das mulheres. A natureza da maternidade seria de tal ordem que teríamos uma inscrição corporal de afeição em relação à própria prole. Ora, uma série de estudos feitos na tradição francesa da história das mentalidades, e particularmente um livro que ficou bastante conhecido de Elizabeth Badinter, *Um amor conquistado*, desmistifica essa ideia do instinto maternal, assinalando de que maneira ocorreu uma deliberada construção deste vínculo hoje fundamental entre mulheres e seus bebês. (Heilborn, 1997, p. 2).

Tal fato como afirmado por Heilborn era ignorado no EVL. Ali, alegava-se ser um espaço destinado a acompanhar mulheres grávidas no sentido de desmistificar medos e angústias que a gravidez poderia causar e ajudá-las a compreender as mudanças físicas e emocionais que aconteciam em seus corpos. O EVL, em várias situações, recorria ao discurso do “aprendizado solitário”, no qual a mulher aprenderia por si só, através do toque em seus corpos, suas sensações e emoções

O EVL pregava esse discurso do “saber solitário”, no entanto, também se propunha a ensinar a essas mulheres o que deveriam fazer para se empoderar. Era possível observar que, de um lado, o corpo era visto como uma representação cultural e,

de outro, que existia uma leitura da imagem desse corpo feita por diferentes agentes sociais, nesse caso, as pessoas que ali trabalhavam e as que frequentavam o local.

Perguntei certa vez em uma reunião do grupo se as mulheres, quando engravidavam, buscavam o máximo de informação possível, a fim de se empoderarem. Rita logo respondeu, afirmando que o problema era este: excesso de informação. Ela reforçou: “a mulher tem que aprender a se observar e se permitir a sentir as sensações de seus corpos”. A gravidez para esse grupo era um ritual de passagem que trazia angústias, ansiedades e medos, mas tudo isso seria substituído pela sensação do que é “ser mãe”, o que para as frequentadoras era uma realização. A gravidez estava ligada diretamente ao parto, eram duas etapas indissociáveis para esse grupo. O parto era tido pelas frequentadoras como um movimento de manifestação do poder da mulher, como alegria. O parto era a “manifestação da vida”.

Havia, no EVL, concepções de corpo que iam ao encontro do que para elas era da “natureza”. No entanto, havia também concepções de corpo ligadas ao cultural. Quando se falava sobre parto através do biológico, Rita dizia que “fazia isso porque é o que as pessoas gostam de ouvir para se sentirem mais seguras”. Para ela, “parto é instintivo, pois tudo está inscrito nos corpos das mulheres, o corpo faz tudo sozinho, pois tudo está nele”.

Rezende (2011) argumenta que em estudos sobre casais grávidos da década de 80, dos quais ela destaca o trabalho de Salem (2007), os cursos de preparação para o “parto sem dor” trabalhavam as emoções do casal, com a intenção de afastar as “emoções nefastas” como a raiva, o medo e a ansiedade, que podem interferir no trabalho de parto. Para Rezende (2001), há, nesses trabalhos, uma visão não apenas das emoções como construções sociais pautadas por regras culturais, mas também de que tais dinâmicas de grupo buscam uma mudança no indivíduo que deve se operar principalmente por via emocional. Nesse sentido, as discussões no EVL acerca das concepções de corpo e modo como parir eram pautadas por regras sociais e também pela dinâmica do grupo. O grupo existia para ajudar a empoderar as mulheres através de seus corpos. As mulheres que frequentavam o EVL estavam lá para aprender as técnicas do processo gravídico e também para sanar medos e angústias, pois ainda que o EVL pregasse que tudo estava inscrito em seus corpos, as mulheres estavam lá buscando trocar experiências e aprendizagem das técnicas de parir.

CAPÍTULO IV: SEXUALIDADE NO PROCESSO DE NASCIMENTO: AS GESTANTES E SUAS VIVÊNCIAS

4.1 Recapitulando

Este capítulo trata, com mais amplitude, do grupo de mulheres que se reuniam às sextas-feiras no Espaço Ventre Livre (EVL). Assim, trago em forma de relatos de campo o tema sexualidade durante a gestação da maneira como era abordado durante as reuniões do grupo. Analiso o significado dado à sexualidade e ao parto normal e as emoções que reforçam a grande atenção dada ao parto nos encontros do grupo.

O foco dado a esses temas, bem como os sentimentos que eles suscitavam nas reuniões do grupo, passa pelo discurso do empoderamento da mulher. No entanto, esse empoderamento era sempre ligado aos corpos femininos. Os corpos femininos eram o meio pelo qual as mulheres teriam acesso ao poder.

A seguir, apresento, de forma breve, algumas informações a respeito da estrutura desta monografia. Adentro nas especificidades deste capítulo, mostrando como se dava as reuniões, o perfil das minhas informantes e “os temas quentes”, que quase nunca eram discutidos na grande roda, onde todas estavam presentes, mas, sim, no intervalo para o lanche. Por fim, analiso esses temas quentes buscando compreender as experiências relatadas no EVL sobre as concepções de sexualidade durante e após a gestação.

No capítulo I, descrevi o EVL no que diz respeito à organização do grupo e à dinâmica de seu funcionamento. No capítulo II, discuti sobre os autores das ciências sociais, principalmente os autores da antropologia, que primeiro abordaram o tema da sexualidade em seus estudos e sobre os efeitos que esses estudos provocaram no fazer antropológico e na sociedade como um todo.

Este capítulo foi construído a partir das observações durante as palestras, das conversas paralelas que eu tive com algumas mulheres e das observações acerca de determinadas atitudes de algumas frequentadoras. Dessa forma, pude observar como aconteciam as reuniões no EVL e as interações que ocorriam na hora do lanche. Observei, também, os dilemas e os anseios que elas sentiam e que nem sempre tinham coragem de colocar para todas na hora da reunião, mas que em algumas situações

confiavam tais relatos a mim e às colegas mais próximas. A seguir, apresento o perfil das minhas informantes e de seus respectivos companheiros que participavam do grupo.

4.2 As gestantes e suas vivências: quem são essas pessoas?

O EVL era um grupo que acompanhava mulheres gestantes com objetivo de sanar expectativas sobre temas relacionados à gravidez e ao parto, confundido-se em algumas circunstâncias com um grupo de apoio. Para melhor entender o EVL enquanto “grupo de apoio”, Rezende (2011), em artigo sobre o tema, nos diz que:

Duarte (1999) em um pequeno ensaio, examina o que chama de “dispositivo de sensibilidade” desenvolvido nas sociedades ocidentais modernas a partir do século XVII. Destaca dois aspectos fundamentais e relacionados deste dispositivo: a perfectibilidade e a preeminência da experiência. O primeiro diz respeito à ideia de que os seres humanos são dotados de uma capacidade de se aperfeiçoar indefinidamente. Contudo, a perfectibilidade só se realiza através da experiência com o mundo exterior. Esta se dá através dos sentidos, entendidos tanto como “veículo de instrução das atividades da mente” – raiz da razão, como “emoções” e “paixões” (Duarte, 1999, *apud* Rezende, 2011)

Rezende (2011) afirma que o movimento de aperfeiçoar-se implica em relacionar-se com o mundo pela razão e pelas emoções. Isso coaduna com os discursos do EVL, pois havia sempre o discurso sobre a importância da “experiência”, e o grupo se reunia exatamente para trocas de experiências ou mesmo em busca de adquiri-las com quem já tivesse vivenciado a gravidez.

Como o EVL era multidisciplinar e também não existia nenhuma exigência quanto à presença das pessoas que o frequentavam, suas frequentadoras nunca eram as mesmas, havia uma alta rotatividade. Apesar disso, existiam aquelas que participavam com frequência das reuniões às sextas-feiras à noite.

O perfil das pessoas que frequentavam o EVL era de mulheres e casais, em geral, na primeira gravidez. As gestantes eram quase todas casadas, tinham idade entre 26 e 40 anos, com uma concentração maior em torno dos 29 aos 33 anos, eram brancas e de estrato social elevado. Quase todas possuíam nível superior e trabalhavam.

Era comum, em algumas reuniões, aparecer uma jovem de 25 anos que dizia frequentar o EVL para “aprender as coisas sobre gravidez”. Ela era de São Paulo e estava morando com o namorado há pouco tempo em Brasília. O namorado dela também participava das reuniões, ele já era pai, mas dizia que “aprender nunca era demais”. Outra jovem apareceu no EVL, já no final da pesquisa de campo, ela era

estudante de farmácia da Universidade de Brasília e disse que não sabia da existência do EVL. Entretanto, o namorado dela tinha contatos com casais que frequentavam o lugar e que indicaram para eles, já que eram um casal jovem e estavam na primeira gestação.

Considero importante ressaltar que havia um consenso entres as mulheres que mais participavam das reuniões sobre o parto humanizado. Quase todas as informantes eram adeptas declaradas da humanização do parto e desejavam realizá-lo. Contudo, algumas falavam que desejavam parir naturalmente, mas no hospital, isso contrariava o que mais se pregava no EVL, que era a valorização do espaço doméstico para parir. Falarei mais sobre isso adiante.

Procurei esboçar essas disposições das nativas e sua articulação com o parto humanizado/natural com o assunto da sexualidade junto a minhas informantes. Foi através dessas questões que consegui maiores avanços. Rita, a coordenadora do EVL, dizia que “parto é algo natural e que este é igual a sexo”. Parto e sexo eram indissociáveis para ela. Para tratar melhor essas questões, explicarei como esses discursos se davam nas reuniões.

4.3 A reunião

Em cada nova reunião, um filme que tratava sobre questões do parto e da gravidez era apresentado às participantes. Não necessariamente ele representava a introdução para a discussão, mas servia como material didático a todas elas – em níveis diferentes dependendo da experiência pessoal. Após assistir ao filme, as participantes se reuniam às que estavam chegando para a reunião da noite. Como já descrevi anteriormente, a reunião era dada na sala maior do EVL, na qual as informantes e seus respectivos parceiros se acomodavam quando iam ao grupo.

Podemos analisar os discursos do EVL a partir de conceitos que conecta a mulher à gestação e o parto à natureza. De acordo com esses discursos, a gravidez e o parto são processos naturais, fisiológicos e culturais. É nesse contexto que se pode entender o EVL, sendo que a humanização do nascimento é para esse grupo o resgate do protagonismo da mulher, mantendo, assim, uma atitude de respeito individual quanto aos desejos, vontades e escolhas no processo de gestação e do parto, utilizando-se da tecnologia e das intervenções apenas quando necessárias. Isso era o que se pode chamar de “lema” pregado no grupo.

Nas reuniões que participei, este lema esteve presente em todas. Assim, era notável o discurso sobre a “natureza feminina”, sendo este sempre lembrado e positivado nos discursos do EVL. Tal fato era corroborado com os discursos das grávidas e, em algumas situações e ocasiões, por seus companheiros. O determinismo social e o imperativo biológico eram categorias que se confundiam no EVL. Ao mesmo tempo em que se falava de natureza feminina, que tudo estava inscrito nos corpos femininos, também se falava em aprendizagem, que por mais que os corpos “soubessem” de suas funções, estas haviam sido esquecidas pelas mulheres e que elas precisavam resgatá-las.

Em uma das reuniões, cujo tema era o parto, Rita a coordenadora do EVL, disse:

Trabalho de parto é um trabalho mesmo, não é um passeio. E tudo está na mulher, ela não precisa de nenhuma interferência, pois tudo está no seu corpo. Parir é instintivo, parto é inato e instintivo, pois tem que virar bicho para parir. Caso a pessoa seja intelectual demais não consegue entrar no parto. Está na natureza da mulher parir, está na natureza. Ninguém precisa ensinar a mulher como parir.

Nas reuniões do EVL, apareciam facilmente nas narrativas das participantes relatos que coadunam com os discursos pregados pelas pessoas responsáveis pela reunião da noite. No entanto, pude observar que nem sempre as participantes estavam de acordo com “os lemas” do EVL, mesmo partilhando de objetivos comuns, havia discordâncias entre as participantes do grupo. Percebi que elas tinham resistência em falar sobre alguns temas, principalmente quando se referiam à sexualidade.

Quando alguma mulher apresentava o tema da sexualidade na gravidez como um dos possíveis temas de discussão, ele era logo deixado em segundo plano. Percebe-se que a sexualidade na gestação não era discutida como um tema em si, pois, quando aparecia em discussão, era sempre como apêndice de outro assunto. Rita disse em uma de nossas conversas que esse era um tema muito importante e que pretendia colocá-lo como tema fixo do grupo. Entretanto, quando suscitavam questionamentos, a sexualidade era interpretada como um assunto menos importante por Rita e pela maioria das participantes.

Em reunião do grupo, na qual a questão da sexualidade no pós-parto foi posta em discussão, Rita afirmou que ocorrem mudanças na vida sexual do casal, no entanto, essas mudanças não se relacionavam a desejos, atrações ou sensualidade, mas, sim, aos cuidados que uma criança recém-nascida exige da mãe. Quanto às frequentadoras, elas

apenas ouviam as discussões e quase nunca faziam comentários. Os comentários sobre sexualidade eram feitos apenas por poucas mulheres e, ainda, fora da roda de discussão.

No que diz respeito ao lugar do parto (domiciliar *versus* hospitalar) e a sua forma (vaginal *versus* cirúrgico), havia discordância em relação ao que se oferecia no EVL como algo correto ou não. Na reunião mencionada anteriormente, cujo tema era o parto, todas as frequentadoras foram convidadas a falar um pouco sobre o significado que o parto suscitava para elas e eventualmente sobre como desejavam parir, ou seja, o tipo de parto que desejavam ter. Dulce, grávida de cinco meses, falou que desejava e iria ter um parto normal apesar de sua médica gostar de fazer parto cesariano. Nesse momento, Rita falou que achava incoerente uma médica que adorava fazer cesariana, de repente, optar por parto normal. Dulce se mostrou irritada com o comentário de Rita e saiu da sala. Durante o restante do trabalho de campo não a vi mais no grupo. Fica evidente que mesmo compartilhando opiniões e ideias em comuns nem sempre as frequentadoras do EVL estavam de acordo com o que se pregava ali.

Como se vê, a gravidez e o parto eram tomados como momentos cruciais pelo EVL, quando os casais presentes eram convidados a se dispor em favor do novo ser que vai chegar. A preparação para o parto, especialmente através desse grupo, ensaia uma revisão de busca pela natureza como nos diz Souza (2005):

À semelhança do parto domiciliar, a ideia de uma sabedoria instintiva do corpo feminino parir é operativo dentro do grupo, donde o conhecimento “técnico” (dos profissionais) fica subordinado ao “instintivo” (das mulheres). Contudo está ausente a referência ao plano cosmológico da natureza. (Souza, 2005, p.120)

Parto e gravidez eram os temas que mais se discutiam nas reuniões do EVL e também na grande roda que se formava para discutir os temas nas reuniões. Havia, nos discursos nativos e nos das pessoas que trabalhavam no EVL, a valorização das dimensões naturais do parto, sendo a sacralização da natureza o aspecto mais marcante do discurso nativo.

Observei, no entanto, que os temas mais “quentes”, como, por exemplo, o da sexualidade, quase nunca eram discutidos nessa grande roda. Ele era levado para o espaço do lanche e discutido em particular, com pessoas selecionadas.

4.4 A conversa no lanche

O lanche era do tipo comunitário, cada participante recebia durante a semana um e-mail falando sobre o tema da reunião da sexta-feira à noite e era convidando a levar alguma coisa para se fazer o lanche. Era servido antes da reunião começar e depois de terminar. Não havia alguém para servi-lo, por isso, os alimentos ficavam em cima de um balcão da mini-copa. Assim, quem chegava colocava o que trazia em cima do balcão, e todas podiam comer, inclusive durante a reunião.

A hora do lanche era o momento em que as participantes do EVL falavam coisas que não tinham coragem de falar na grande roda, na frente de todas. A hora do lanche era, também, o momento em que aproveitavam a oportunidade para ficarem mais próximas umas das outras e de tentar criar uma intimidade, ou seja, criar laços entre si. Assim, durante algumas reuniões, na hora do lanche, tentei ficar mais próxima das mulheres e ensaiei algumas conversas. Foi a partir desses momentos que consegui manter contato e até virar confidente de algumas delas.

Certa vez, logo após a reunião cujo o tema da sexualidade no pós-parto foi comentado, uma grávida de nove meses comentou comigo: “uma amiga minha disse que transar durante a gravidez é bom porque ajuda no parto, será que é verdade? Tive vergonha de perguntar para Rita, na frente de todo mundo”. Respondi que algumas mulheres gostam e que, durante uma pesquisa exploratória que havia realizado, uma enfermeira que acompanhava mulheres grávidas e as preparava para o parto normal disse que no sêmen do homem existe uma substância que ajuda na dilatação do períneo da mulher na hora de parir. Ela, então, disse que nem havia contado isso para o marido, para que ele não “se animasse”, pois estava com uma barriga enorme e não aguentava mais nada. É notável que a gravidez repercute nos aspectos sociais, emocionais e sexuais do casal. A sexualidade na gravidez ainda envolve tabus, encontrando barreiras ao seu desvelamento nesse período.

4.5 Temas quentes

Embora esta pesquisa esteja focada no tema da sexualidade durante a gestação, dispus-me a valorizar ainda mais os discursos nativos no que se refere ao parto e a forma como ele se daria. Pude perceber que o tema da sexualidade estava atrelado ao discurso do parto e da maternidade.

Adriana (Daia), grávida de seis meses e uma das poucas mulheres negras que frequentavam o EVL, foi uma das mulheres que teve ousadia de perguntar publicamente, na grande roda, sobre sexo. Em um encontro, Daia disse que tinha uma pergunta para fazer que tinha tudo a ver com minha pesquisa e olhando para Rita perguntou: “depois que eu parir, quanto tempo depois posso voltar a transar?” Rita falou que a pergunta era muito importante, mas a respondeu somente no final da reunião, alegando que o retorno da vida sexual após o parto ia depender de cada casal.

Em outro encontro, cujo tema da reunião era a amamentação, uma mulher, que havia parido há um mês e estava voltando a frequentar o EVL porque queria relatar como havia sido seu parto, disse o seguinte para o grupo:

Sinto-me sexy amamentando, teve um dia quando estava amamentando meu filho, meu marido chegou e me abraçou por trás, me arrepiei toda, fiquei toda excitada, mas ainda não contei nada para ele.

Pelo que pude perceber, relatos como esse eram escassos nas reuniões. No entanto, quando eles apareciam, as demais mulheres apenas riam. Rita era a única a fazer comentários. Em relação a esse episódio, Rita falou:

É normal sentir isso, pois qual a mulher que não gosta de um homem sugando os seus seios? É gostoso e prazeroso. Quando isso voltar a acontecer, termina com o bebê e começa com o teu marido.

Em outros momentos, algumas mulheres se ofereceram para serem entrevistadas por mim. Shirley, grávida de oito meses, ao final de uma das reuniões, me chamou e disse: “quero ser entrevistada por você, esse momento está sendo de muitas experiências novas e gratificantes. Quero muito conversar sobre minha vida sexual, pois está muita boa, vou falar tanta coisa que você vai ficar sem graça, só não demora muito porque o bebê pode nascer antes”. Shirley não compareceu mais às reuniões do EVL, inviabilizando a realização da entrevista.

Em outros momentos o tema da sexualidade surgiu na fala de Rita. Ela costumava afirmar que “parto é sexo, que parto é mais íntimo do que transar com alguém, e, caso a mulher não consiga perceber que parto tem tudo a ver com a sexualidade, ela não está preparada para engravidar”. Ela ainda pediu que as pessoas pensassem no momento de intimidade, ou seja, na hora do sexo. Em seguida, pediu para que todas imaginassem estar de pernas abertas no escuro e com um holofote bem em cima de cada uma. Rita estava sempre comparando o parto com a sexualidade. Vale

reforçar que nem sempre a maioria das mulheres fazia comentários sobre isso, apenas Rita falava abertamente sobre sexo.

Segundo Heilborn (1999), talvez a sexualidade ainda encontre resistências ao seu desvelamento em razão do lugar privilegiado que detém no cerne dos valores associados à intimidade da pessoa moderna. A autora aponta que o olhar antropológico caracteriza-se, em particular, por tomar de maneira mais ou menos radical a afirmativa de que os temas a serem investigados fazem sentido somente a partir da teia de significados e relações sociais que os sustentam em um determinado contexto. Assim, o que é sexo para certo grupo não é necessariamente para outro, e os nexos estabelecidos entre essa dimensão e as demais da vida social também variam. É nesse sentido que podemos entender as concepções sobre a sexualidade existentes no Espaço Ventre Livre. Assim, fazia todo o sentido a forma como Rita misturava os temas parto, pós-parto e sexualidade. Era através desse mecanismo que ela conseguia atender às expectativas das frequentadoras.

4.6 Significado de sexo e parto no Espaço Ventre Livre

Nos discursos do EVL, o parto era um momento crucial no qual o casal era chamado a se dispor em função da criança que iria nascer. De acordo com o que foi observado nas reuniões do grupo, há a suposição de que tudo o que a mulher precisava saber sobre parto estava inscrito em seus corpos. Era exaltado no EVL que a mulher deveria se afastar dos “padrões sociais”, afinal, eles prescreviam regras quanto às formas como as mulheres deveriam agir em relação ao parto, à sexualidade e à amamentação. Embora a preparação técnica fosse fundamental para o grupo, a mulher deveria contar principalmente com sua capacidade instintiva de parir.

Era comum no EVL valorizar a sacralização do feminino e o poder que as mulheres possuíam em seus corpos. Diante disso, Rita argumentava que “a mulher para parir precisava virar bicho, é desafiador” e que “parto é sexo”. Ela recorria a comparações do tipo:

Parto é sexo, imaginem um lugar que vocês gostem de transar? Um lugar quentinho, aconchegante e familiar. Agora imaginem parir num lugar frio, desconhecido e com pessoas que você não conhece? Com uma luz na sua cara, pois parir é um trabalho seu. Ninguém vai fazer isso por você e nem te ensinar, o que as pessoas podem fazer é apenas ajudar. Parir é um ritual feminino que transforma a vida de todos.

E continuou:

Parir é como transar, pois quando queremos transar, procuramos um lugar gostoso e confortável para fazer isso, ou seja, geralmente em casa. A mesma coisa acontece com uma mulher que vai parir.

Ora, esses discursos nos revelam que o tema da sexualidade estava presente nas discussões do grupo, mas sempre alinhado ao tema que as mulheres demonstravam maior interesse, o parto. Por fim, deduzimos que, de acordo com a coordenadora e a maioria das frequentadoras do EVL, o lugar “correto” e “ideal” para parir era em casa, por ser o lugar onde o sexo e a concepção ocorriam.

A sexualidade em várias situações foi abordada nas reuniões do grupo, mas quase nunca as mulheres eram encorajadas a discuti-la. Acho importante ressaltar isso, pois, da forma como as reuniões eram conduzidas, dava-se a entender que Rita ou quem fosse fazer a palestra era uma espécie de professor, instrutor, enquanto a “plateia” ficava ouvindo e em poucos momentos participando. Os raros momentos de participação da “plateia” eram quase sempre sobre parto. Contudo, como falei anteriormente, quando se falava de parto, o assunto sexualidade estava implícito. Dessa forma, o parto domiciliar/natural e a ideia de uma “sabedoria instintiva do corpo feminino” estavam presentes no grupo, no qual o conhecimento dos profissionais de saúde, principalmente dos médicos, era subordinado ao dito “conhecimento instintivo” das mulheres.

No grupo, encontramos vários significados do que é “ser mulher”. No parto, por exemplo, haveria um ritual de passagem no qual “a menina se torna mulher” e “a natureza feminina” é exaltada e resignificada. Os discursos proferidos no EVL nos falam de um indivíduo ao mesmo tempo comprometido com um ideal de “natureza” e de “verdade”. Entretanto, uma natureza que é expressa e valorizada pela experiência da reprodução com a menor interferência possível das tecnologias hospitalares e médicas. Isso mostra que essa natureza não se perdeu, mas mudou de significado nesse novo contexto. Isso vai de encontro a alguns estudos feministas que discordam que a mulher é ligada à natureza enquanto o homem é ligado à cultura e por isso ele tem a possibilidade de transcendê-la, sendo por isso a mulher menos valorizada na sociedade (Rosaldo, 1979).

No EVL, os discursos da natureza feminina são valorizados e resignificados, neles a mulher é vista como um ser importante. No entanto, vale ressaltar que essa

“natureza feminina”, que é valorizada no EVL, diz respeito ao poder da mulher em relação ao parir pela vagina. Assim, há no EVL o objetivo de resgatar o protagonismo da mulher como um ser dotado de poder, o qual se dá pela natureza, pela reprodução e pelo seu corpo ao parir. Dessa forma, podemos concluir que os significados da sexualidade durante a gestação foram construídos no interior desse grupo como um ritual orientado pelos valores do grupo no qual as mulheres estão inseridas. Nesse sentido, trata-se da família concebida como um valor transmitido socialmente e que permite a passagem por essa fase de transição vivenciada na gravidez, reintroduzindo a mulher na sua identidade feminina de “mãe”, “mulher” e “esposa”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentei, no decorrer desta monografia, as concepções de sexualidade, corpo e parto existentes no grupo de mulheres do Espaço Ventre Livre tendo como embasamento teórico, entre outros autores, Heilborn (1997), que argumenta que se acatarmos o pressuposto de que o corpo também é efeito de um trabalho de elaboração cultural, ou seja, se considerarmos que a própria percepção, as próprias sensações físicas, os próprios sentimentos são efeitos da cultura, nós podemos chegar à conclusão de que é necessário fazer estudos detalhados de como o corpo é percebido em cada segmento cultural.

Dessa forma, é coerente afirmar que o processo da vivência corporal na gestação, suas mudanças e repercussões na atividade sexual, no Espaço Ventre Livre, foram guiados pelo valor da constituição da família e que estes estiveram presentes desde o momento em que essas mulheres começaram a fazer projetos para entrar na maternidade. Assim, as concepções de corpo e sexualidade como relacionados à constituição da família nos permitem ter uma compreensão do conhecimento cultural das mulheres do EVL em relação aos significados do corpo e da sexualidade no processo de nascimento.

Pretendo mostrar com isso que as concepções que existem no EVL, no diz respeito ao que é ser mãe, operam como uma série de representações sobre a naturalidade do processo da gravidez e do parto, nas quais há a ideia de que existe uma espécie de essência de determinados grupos sociais – nesse caso, o das gestantes. Tal essência era sempre combinada, nos discursos das frequentadoras do EVL, em relação ao corpo e à sexualidade.

REFERÊNCIAS:

BOZON, M. *Sociologia da sexualidade*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2004.

FLORES, A. L. G. C. T. *Sexualidade na gestação: mitos e tabus*. Trabalho de conclusão de curso para obtenção do título de bacharel em psicologia – Faculdade de Ciências Humanas, Centro de Estudos Superiores de Maceió, Maceió, 2007.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

HEILBORN, M. L. Corpo, sexualidade e gênero. In: DORA, D. D. (Org.). *Feminino, masculino – igualdade e diferença na justiça*. Porto Alegre: Editora Sulina, p. 47-57, 1997.

HEILBORN, M. L. Entre as tramas da sexualidade brasileira. In: *Revista Estudos Feministas*, vol. 14, n. 1, p. 43-59, abril de 2006.

HEILBORN, M. L. (Coord.). Introdução. In: *O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2006.

HEILBORN, M. L. (Org.). *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

HEILBORN, M. L. *et al.* Apresentação. In: *Sexualidade, família e ethos religioso*. Parte dos trabalhos apresentados no Seminário Relações Familiares, Sexualidade e Religião realizado no Rio de Janeiro em agosto de 2004. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

HONÓRIO, M. das D. Sexualidade, gênero e reprodução na juventude. In: HEILBORN, M. L.; KNAUTH, D.; BRANDÃO, E. R. *Seminário Internacional Fazendo Gênero*. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

LEAL, A. F.; KNAUTH, D. R. A relação sexual como uma técnica corporal: representações masculinas dos relacionamentos afetivo-sexuais. *Cadernos de Saúde Pública*, vol. 22, n. 7, p. 1375-1384, julho de 2006.

LOYOLA, M. A. A antropologia da sexualidade no Brasil. *Physis – Revista de Saúde Coletiva*, vol. 10, n. 1, p.143-167, 2000.

MALINOWSKI, B. *Vida sexual dos selvagens do noroeste da melanésia*: descrição etnográfica do namoro, do casamento e da vida de família entre os nativos das Ilhas Trobriand (Nova Guiné Britânica). Rio de Janeiro: F Alves, 1982.

MOTT, L. *Teoria antropológica e sexualidade humana*. Departamento de Antropologia da Universidade Federal da Bahia. 2006. Disponível em: <http://www.antropologia.ufba.br/artigos/teoria.pdf>. Acesso em: 23/11/2009.

NEVES, E. M. Reflexões sobre corpo, gênero e sexualidade: um esboço antropológico. *Ciências Humanas em Revista*, v. 4, n. especial, São Luis, 2006.

PAIM, H. H. S. Marcas no corpo: gravidez e maternidade em grupos populares. In: DUARTE, L. F. D.; LEAL, O. F. *Doença, sofrimento, perturbação*: perspectivas etnográficas. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.

REZENDE, C. B. Ansiedade e medo na experiência da gravidez. *VIII Reunion de Antropologia Del Mercosur (RAM)*: Subjetividade, Emoções e Saberes. Buenos Aires, 2009.

REZENDE, C. B. *Grupos de apoio*: subjetividade e gramáticas emocionais. In: *IX Reunião de Antropologia do Mercosul*, Curitiba, 2011.

REZENDE, C. B. Um estado emotivo: representação da gravidez na mídia. In: *Cadernos Pagu*, n.36, p. 315-344, janeiro-junho de 2011.

SOUZA, H. R. *A arte de nascer em casa: um olhar antropológico sobre a ética, a estética e a sociabilidade no parto domiciliar contemporâneo*. Departamento de Antropologia, Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

SUARÉZ, M. Enfoques feministas e antropologia. *Série Antropologia 177*. Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília, 1995.

TERTO JUNIOR., V. Essencialismo e Construtivismo social: limites e possibilidades para o estudo da homossexualidade. In: *Scientia Sexualis*, ano V, n. 2, p. 23-42, 1999.

TORNQUIST, C. S. Armadilhas da nova era: natureza e maternidade no ideário da humanização do parto. In: *Revista Estudos Feministas*, ano 10, n. 2, p. 483-492, 2002.

VANCE, C. S. A antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico. In: *Physis – Revista de Saúde Coletiva*, vol. 5, n. 5, 1995.

VICTORA, C. G.; KNAUTH, D. R. Entrevista com Richard Parker. In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 8, n. 17, p. 253-262, junho de 2002.